

2016



BOLETIM DE PETRÓLEO



I – Cenário Internacional

A eleição surpreendente de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos causou um estresse nas economias globais, em especial nos mercados internacionais financeiros. Apesar de uma redução na intensidade das preocupações nos mercados, onde o presidente eleito atenuou declarações polêmicas em sua campanha, as incertezas persistem e aumentam o grau de volatilidade da atividade econômica. Algumas das medidas anunciadas pelo presidente eleito - de renegociar acordos, se livrar do Obamacare, cortar impostos ao mesmo tempo em que gasta mais em infraestrutura e etc. - podem gerar inicialmente uma sensação de melhoria. Porém, no longo prazo, dependendo da efetividade da resposta política a esses acontecimentos, é possível que haja um dismantelamento da reforma financeira, com o país sendo levado a tendências de recessão. O Produto Interno Bruto (PIB) nos EUA cresceu a uma taxa anual de 2,9% após expansão de 1,4% no segundo trimestre, segundo o Departamento de Comércio em sua primeira estimativa. Essa foi a taxa de crescimento mais forte desde o terceiro trimestre de 2014.

A Europa ainda sofre com o processo da decisão britânica de deixar a União Europeia, o que poderá prejudicar a economia do Reino Unido e afetar toda a região. O Produto Interno Bruto (PIB) da zona do euro cresceu 0,3% no terceiro trimestre, mesma variação vista no período de abril a junho, informou a Agência de Estatísticas da UE. O cenário descrito são fatores limitadores do crescimento, pois o PIB deste período ainda não foi totalmente influenciado pela situação do Reino Unido.

A China, dona da segunda maior economia mundial, expandiu 6,7% no acumulado de janeiro a setembro, e, só no terceiro trimestre, cresceu 1,8% com relação ao segundo, o mesmo valor registrado no período abril-junho.

Para o Brasil, Donald Trump implementando as suas medidas, os efeitos podem ser negativos no que se refere a acordos comerciais, pois sua política externa seria a mais protecionista possível, em um Brasil combatido em suas atividades econômicas e nas suas frágeis instituições políticas. A economia brasileira permaneceu em contração no terceiro trimestre deste ano. O IBC-Br teve retração de 0,79% de julho a setembro, na comparação com o trimestre anterior. Os números apontam que o país ainda não conseguiu sair da recessão - esse foi o sétimo trimestre seguido de "tombo" no nível de atividade. Os números mostram ainda que o "encolhimento" da atividade no terceiro trimestre deste ano foi maior do que o registrado de abril a junho - quando houve uma queda de 0,42% no indicador. A última vez em que o IBC-Br registrou expansão foi no quarto trimestre de 2014 (+0,11%).

Podemos concluir que o novo presidente dos Estados Unidos é uma incógnita com sua personalidade forte, característica mais clara do que suas propostas de políticas públicas. Tal fator é um gerador de volatilidade da atividade econômica agregada afetando indistintamente todos os atores globais.

II - Preços

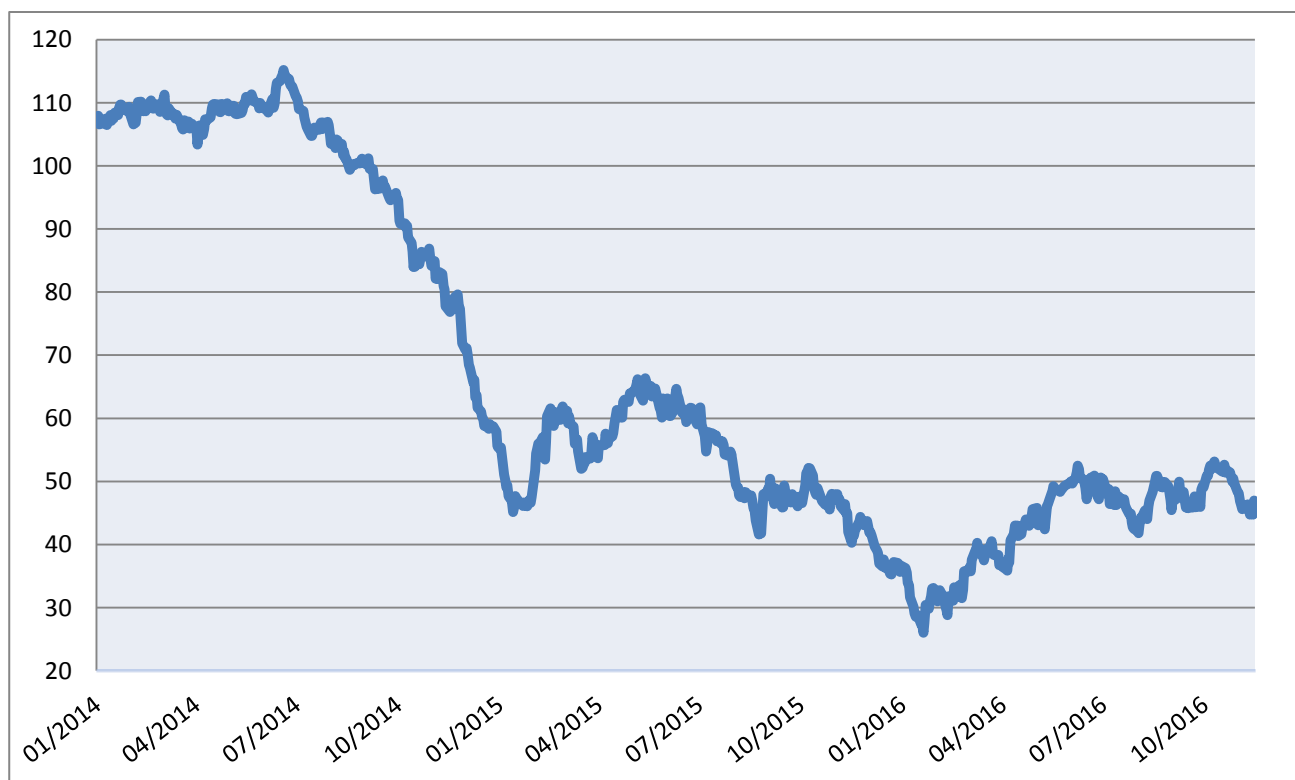
Os preços do petróleo registraram no mês de outubro um valor mínimo de US\$ 48,30, máximo de US\$ 53,14 e média de US\$ 51,36, representando um acréscimo de 8,76% em relação ao mês de setembro.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto tiveram alta de 2,4 milhões de barris na semana encerrada em 09 de novembro, para 485 milhões de barris. A alta surpreendeu a expectativa de analistas, que esperavam um aumento de apenas 900 mil barris. A expectativa da Agência de Informação sobre Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo fique próximo de US\$ 48 para final de 2016 e para o primeiro trimestre de 2017.

A oferta da *commodity* se mantém alta, mas com expectativa de desaceleração devido à promessa de corte de produção da OPEP. A melhoria do cenário econômico mundial indica que a demanda deve voltar a crescer, levando as variáveis macroeconômicas a um ponto de equilíbrio. Esta perspectiva tem ajudado a recuperar os preços do barril de petróleo nos últimos meses.

O gráfico 1, mostra a queda acentuada no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de fevereiro, atingiu a média mínima mensal de US\$ 31,93, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência de melhora.

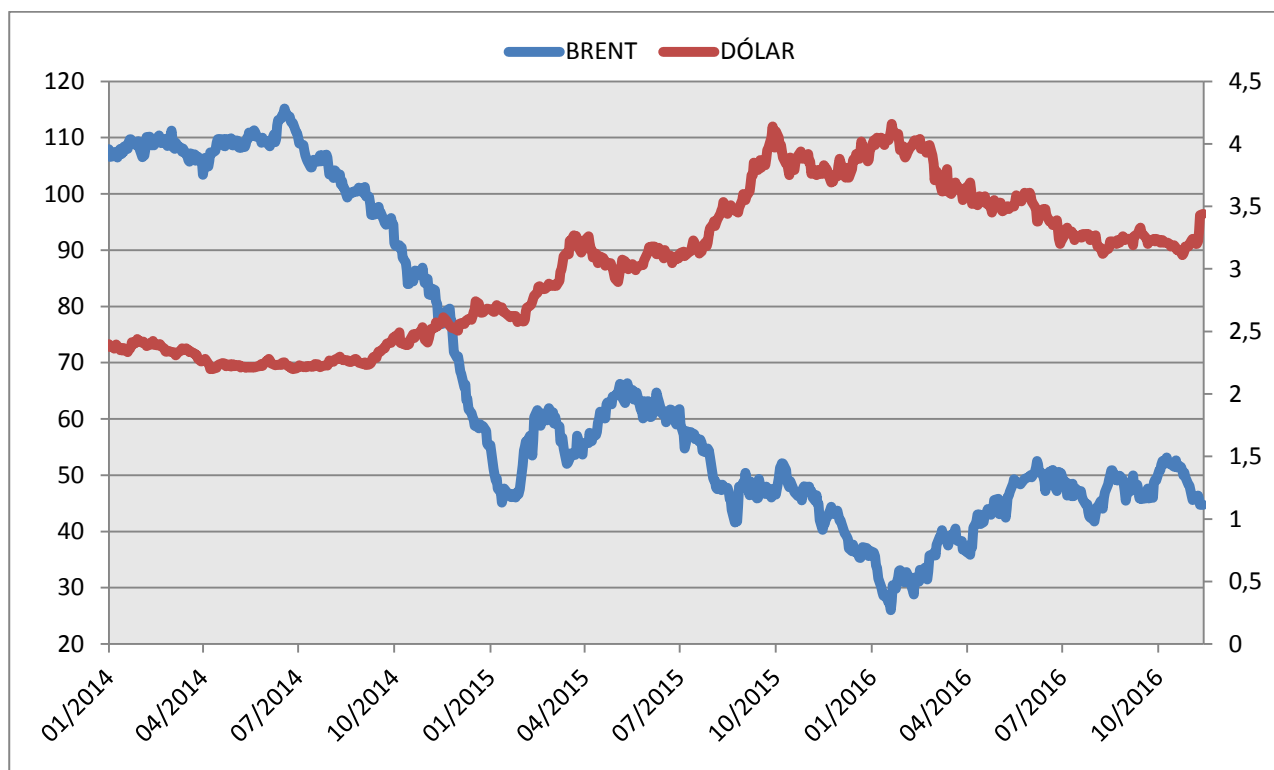
Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, mostrando uma negatividade de 0,90 entre janeiro de 2014 e novembro de 2016, podendo ser considerada uma correlação muito forte. A tendência de valorização do dólar após a vitória do Donald Trump à presidência dos EUA pode prejudicar a recuperação do preço de petróleo. Segundo o Boletim Focus, de 11 de novembro de 2016, a expectativa para 2016 é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,22. Há 4 semanas a expectativa era de R\$ 3,25.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

III - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2016 deve crescer 1,23 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2015, resultado este 0,01 mb/d inferior à estimativa anterior, com consumo total médio de 94,4 mb/d.

Ao contrário da OPEP, para a EIA, a expectativa de demanda por petróleo em 2016 manteve-se estável em relação à previsão do relatório anterior. Para 2016 espera-se crescimento de 1,3 mb/d em relação a 2015. Para 2017, a expectativa da demanda deve ser maior: 1,5 milhão de barris em relação a 2016. Apesar da desaceleração econômica, a China cresce dentro dos patamares previstos, e por isso ainda

é apontada pela agência como a principal responsável pelo aumento maior da demanda para o ano que vem.

Ambas as agências esperam aumento de demanda, ainda que gradativa, nos anos de 2016 e 2017, o que pode dar mais equilíbrio ao mercado, reduzindo o excesso de oferta global e recuperando assim seu preço.

IV – Oferta

A EIA projetou ajuste para cima da produção de petróleo no ano corrente em comparação ao relatório anterior, consequência de um aumento da produção nos EUA. Em 2016 a projeção teve elevação de 0,12 milhão de barris por dia. Em 2017, segundo a agência, a projeção aumentaria ainda mais: 0,42 mb/d.

Para a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão um declínio de produção de 0,78 milhão de barris em 2016, demonstrando uma maior contração na produção em relação ao último relatório, em que era prevista a queda de 0,68 milhões de barris. Esta revisão para baixo deve-se a uma produção menor que a esperada nos EUA, México e Noruega no terceiro trimestre do ano corrente.

Já nos países integrantes do bloco, estima-se uma produção média de 33,64 mb/d em 2016, 1,54 mb/d maior do que em 2015. Para 2017, espera-se crescimento de 0,23 mb/d na produção de petróleo no bloco dentro da OPEP.

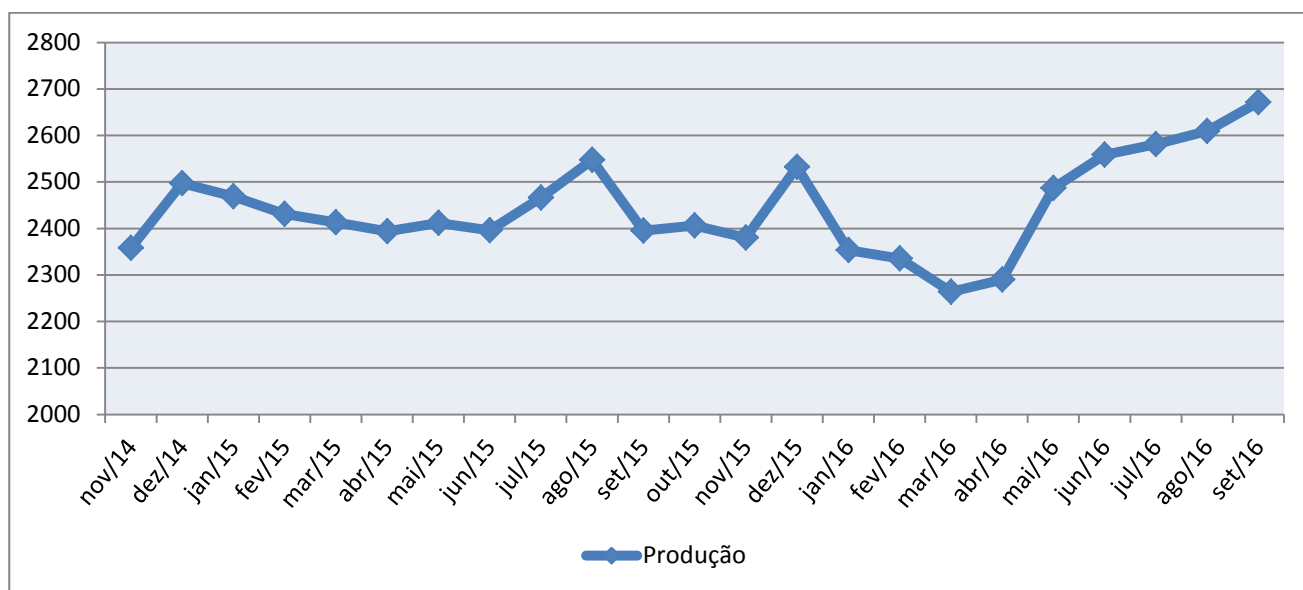
As agências não demonstram um direcionamento uniforme em suas projeções. Enquanto a AIE prevê aumento da produção de petróleo no mundo, a OPEP projeta redução. Este declínio, para a OPEP, seria causado pelos países que não fazem parte de bloco, em especial EUA e México.

Até a próxima reunião da Opep marcada para o próximo dia 30 de novembro, para discutir a limitação da oferta dos membros do cartel, o mercado da *commodity* tenderá a ser volátil e investidores cautelosos no ambiente de negócio.

V – Brasil

Segundo a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo no mês de setembro foi de 2.671 Mbbl/d (mil barris por dia), configurando elevação de 2,4% em relação ao mês de agosto, superando o recorde do mês anterior (produção de 2.609 Mbbl/dia) e mantendo a tendência de elevação, conforme demonstrado no gráfico 3.

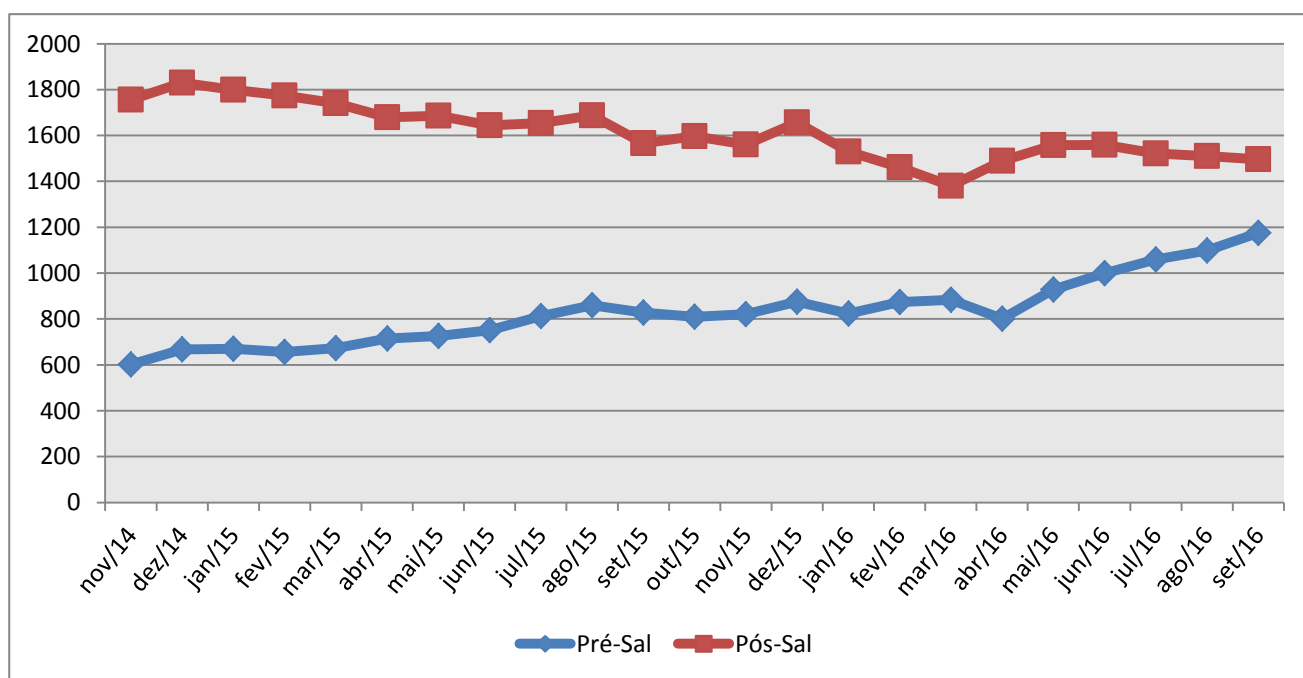
Gráfico 3: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, foi o que mais produziu petróleo no mês em análise: média de 639,7 mil barris por dia, representando quase 24% da produção nacional. No pré-sal foi registrado uma produção de petróleo de 1.174,9 mil barris, de um total de 66 poços, representando 7,3% de aumento produtivo em relação ao mês anterior e novo recorde de produção, conforme pode ser verificado no gráfico 4.

Gráfico 4: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: GOP

No mês em análise, observa-se que a produção pré-sal, que atingiu novamente níveis recordes, foi a principal responsável pelo aumento da produção nacional. Por outro lado, a produção do pós-sal apresenta certa estabilidade.

Segundo a ANP, a produção do Rio de Janeiro, responsável por quase 67% da produção nacional, aumentou sua produção em 1,54% em relação ao mês anterior. O campo de Lula foi o grande destaque: aumentou sua produção em quase 10% em relação ao mês anterior.

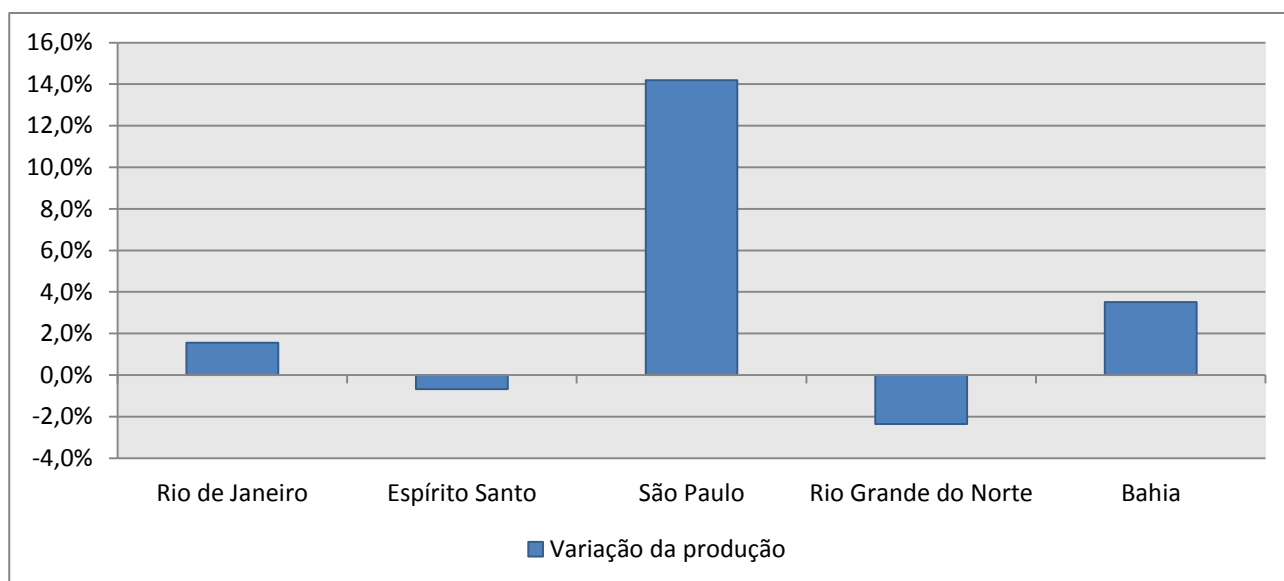
Apesar da hegemonia do Rio de Janeiro, São Paulo foi o estado que apresentou o maior percentual de crescimento produtivo. A principal razão para tal motivo pode estar atrelado ao aumento de quase 18% da produção do campo de Sapinhoá, localizado na cidade de Ilhabela, em São Paulo. O Rio Grande do Norte, por sua vez, já demonstra decréscimo acentuado em sua produção, consequência da maturidade de seus campos. Na tabela 1 é facilmente perceptível a importância do petróleo para o Estado do Rio de Janeiro, já que a produção dos outros quatro maiores produtores (Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia) representam juntos apenas 46% da produção fluminense.

Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PETRÓLEO (bbl/d)	CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.785.809	44
Espírito Santo	416.322	44
São Paulo	316.251	6
Rio Grande do Norte	54.943	76
Bahia	36.381	75

Fonte: ANP

Gráfico 5: Variação da produção – Principais produtores estaduais



Fonte: GOP

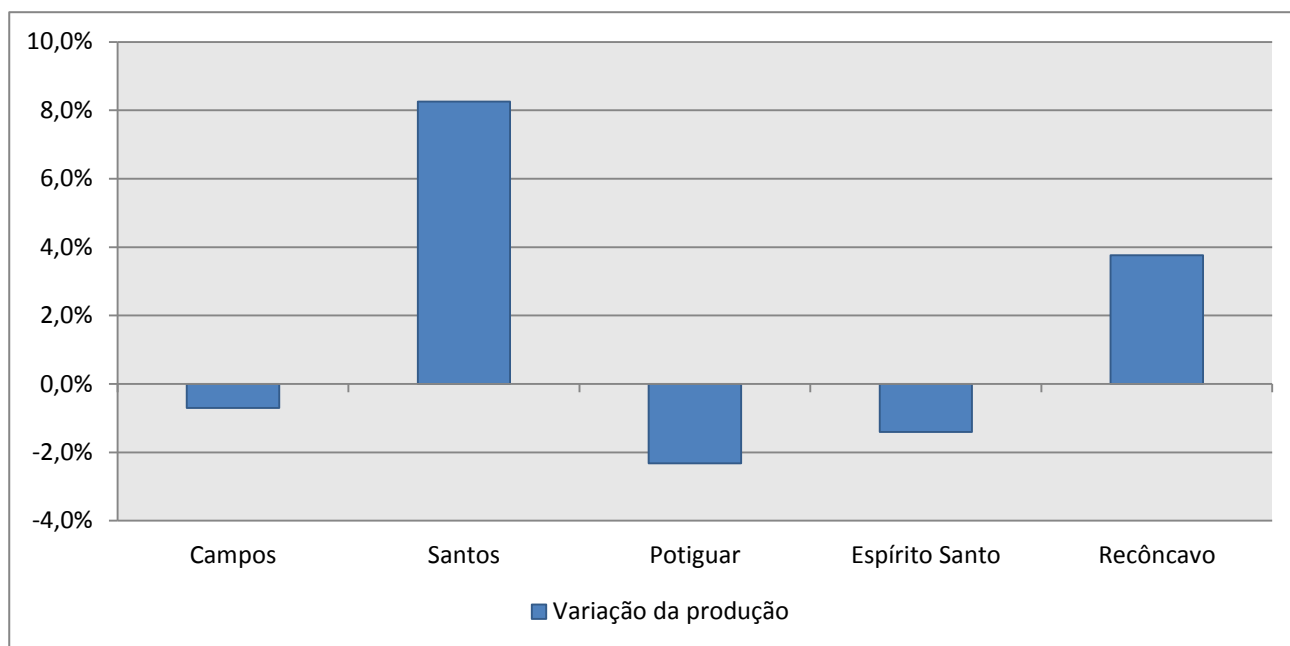
A bacia de Campos, localizada na costa do Rio de Janeiro e Espírito Santo, e a bacia de Santos, no Rio de Janeiro e São Paulo, representam a fonte de quase 93% da produção nacional, o que comprova uma extrema concentração da capacidade produtiva nestes três estados, com destaque para o Rio de Janeiro. Tal afirmação pode ser observada na tabela 2. O grande destaque é a bacia de Santos, que aumentou sua produção em cerca de 8%, conforme gráfico 6.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	Nº CAMPOS PRODUTORES	PRODUÇÃO	LOCALIZAÇÃO
Campos	46	1.497.078	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	11	981.552	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	78	56.348	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	37	39.752	Espírito Santo/Bahia
Recôncavo	72	36.034	Bahia

Fonte: GOP

Gráfico 6: Variação de produção das principais bacias



Fonte: GOP